

A regulamentação da norma na “comunicação com os mortos”: uma análise sobre a disciplinarização da prática mediúnica

Raquel Marta da Silva*

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise sobre a tentativa de Allan Kardec – um pedagogo francês do século XIX – de disciplinarizar a prática cultural milenar que apregoava a possibilidade de comunicação entre os mortos e os vivos. Através de um discurso austero, exposto em sua obra *O livro dos Médiuns*, Kardec procurou apresentar-se como o mais profundo conhecedor das “verdades” referentes às práticas culturais espíritas, propondo-se regulamentar e normatizar tais práticas.

Palavras-Chave: Alan Kardec, mediunidade, espiritismo.

Abstract

This article has as objective to present an analysis on the attempt of Allan Kardec – a french teacher of the 19th Century – to discipline the millenarian cultural practical one who proclaimed the possibility of communication between deceased and the livings creature. Through an austere speech, displayed in its intitled work *O livro dos Médiuns*, Kardec looked for to present itself as the deepest expert of the “truths” referring to the “practical spiritists”, considering prescribed this practical.

Keywords: Alan Kardec, mediumship, spiritualism.

Sabemos que o discurso não é algo neutro, muito menos transparente, haja vista que encerra em si intensa carga de subjetividade. Assim, ao fazermos a leitura de um discurso, o lemos, não a partir das linhas que lhe compõem, mas sim, de suas entrelinhas. São nelas que se manifestam, ou que percebemos tentativas de ocultação de alguns desejos, que pretendiam se esconder por detrás das palavras. Desejos, como afirma Foucault, de saber e de ter a palavra final sobre a verdade. Portanto, são nas entrelinhas que vemos esses desejos sendo materializados no próprio ato do discurso. Aliás, *A Ordem do Discurso* nos

* Doutoranda em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do Prof. Dr. Artur César Isaia.

mostra claramente que é em função do desejo de nos apoderarmos da palavra, é em nome de um suposto saber que esse ato nos reveste – e do poder que ele nos concede – que elaboramos nossos discursos^{cdxxxix}.

É nessa perspectiva de análise que emerge em plena cidade de Paris, na segunda metade do século XIX, a prática discursiva que compôs a doutrina espírita fundada por Allan Kardec. Na verdade, através de uma observação mais atenta do imaginário religioso europeu daquele contexto, percebemos que nele pairavam certas teorias consideradas *Espiritualistas*, que se apresentaram como saberes e que tinham a pretensão de explicar todos os tipos de fenômenos que permeavam o universo. Essas teorias, embora muitas vezes criticadas e consideradas por alguns cientistas da época como metafísicas, compuseram um conjunto de práticas discursivas que ficaram conhecidas como *Espiritualismo Moderno*. Segundo Sandra Stoll, esse *Espiritualismo* tratava-se de um:

movimento de cunho religioso e intelectual que reunia de forma eclética, difusa, tradições e filosofias de origens as mais diversas (orientais, pré-cristãs e/ou recentemente criadas a exemplo da Teosofia de Helena Blavstsky e do Espiritismo, de Kardec), tendo como perspectiva comum o enfrentamento dos valores da modernidade e preceitos da ciência, de um lado, e a crítica à tradição cristã, de outro^{cdxli}. (Grifos nossos).

A existência dessas teorias pode ser confirmada através do êxito das publicações e das circulações de inúmeras obras concernentes a esses assuntos.^{cdxli} Apesar das críticas recebidas devido ao caráter religioso e transcendental que ensejavam, algumas delas se transformaram em doutrinas e reivindicaram o estatuto de ciência.

Diante desses esclarecimentos é que propomos apresentar um breve esboço sobre o nascimento do Espiritismo Kardecista, a partir da análise do historiador Artur Isaia, que concebe o surgimento dessa doutrina como dispositivo de poder dentro de uma sociedade disciplinar. Isto é, como uma teoria que, em sua prática discursiva, tomava para si o papel de esclarecedora das “massas ignorantes”, tornando-se instrumento de controle, vindo assim a contribuir para a imposição da ordem – tão preciosa dentro daquela sociedade burguesa.^{cdxlii} Em seguida, pretendemos analisar o porquê e em que condições e possibilidades essa doutrina procurava “instruir” e “ajudar” aqueles que se ocupavam da prática cultural de “comunicação com os mortos”^{cdxliii}. Enfim, questionaremos por que, através de todo um discurso disciplinador, Kardec pretendia normatizar e controlar um saber que, até então, era de domínio comum.

Em sua análise sobre o Espiritismo francês, Isaia demonstra-nos que o nascimento dessa doutrina – meados do século XIX – se deu numa época em que a cidade de Paris, assim como quase todo o território da França, encontrava-se em um período pós-revolucionário, portanto, vivenciando agudos conflitos sociais, materializados através dos ferrenhos embates entre proletariado e as classes estabelecidas. Assim, foi naquele momento,

marcado pela insegurança burguesa e pelo desespero dos trabalhadores urbanos, que se deu o aparecimento e codificação do Espiritismo, que se credenciava como capaz de conciliar a bagagem espiritual das populações urbanas com as inquietações racionalistas e cientificistas e de diluir o ímpeto das reivindicações populares em uma proposta, a um só tempo, utópica e apaziguadora.^{cdxlv}

Para além, Isaia também confirma que esse período:

configurava-se como o tempo em que o mundo visível tornava-se cada vez mais relativo, valorizando-se, em contrapartida, uma dimensão oculta, um ‘outro lado’, uma região sub-lunar até então não apreendida. É o momento em que a psiquiatria emergia no mundo ocidental, tentando explicar a realidade íntima do homem e suas perturbações, evidência de um deslocamento das preocupações dos saberes reconhecidos como aptos para nomearem a realidade que, da mecânica do mundo externo e da resolução das grandes questões sócio-políticas, passavam a colocar o epicentro de seu interesse no mundo interno, na ‘psique’ como matéria de interesse científico.^{cdxlv}

Ao considerar todo esse contexto é que Isaia concebe a fundação da prática discursiva disciplinar de Kardec: influenciado pelos pensamentos pedagógicos e religiosos de Pestalozzi e pelas idéias evolucionistas de Darwin, entre outros pensadores. Allan Kardec defendia, fervorosamente, o papel pedagógico da burguesia, considerada por ele como uma “classe esclarecida” cuja função era de responder ao turbilhão de dúvidas e acalmar os ânimos dos “rebeldes trabalhadores urbanos”, inconformados com a sua condição social. Desse modo, em seus discursos religiosos, Kardec alegava que toda a “aparente desigualdade social” obedecia às diretrizes das “justas leis naturais” que oferecia, a cada indivíduo “encarnado”, uma condição social necessária para a sua “evolução espiritual”.

Deste modo, segundo Isaia, o que realmente Kardec estava a defender era a valorização burguesa do trabalho que, de acordo com a sua doutrina, tinha como fim o “progresso”, que somente poderia ser atingido por meio do “trabalho laborioso”, sendo então essa a condição para que ocorresse a “regeneração”. ou seja, a “evolução moral e material do homem”. Nesse sentido, a doutrina exposta em seus livros visava contemplar anseios de um público pertencente a classes sociais totalmente diferentes pois.

(...). Se as ‘classes proprietárias’ não tinham o que temer da proposta espírita, que legitimava a propriedade e o salário em um momento particularmente explosivo da história do capital, a massa anônima dos trabalhadores tinha no Espiritismo uma doutrina facilmente compreendida e suficientemente hábil para ressignificar existências encurraladas por um contexto ameaçador e inclemente.^{cdxlvi}

Assim, de acordo com Isaia, o Espiritismo emergia na França do século XIX, em consonância com os discursos e os interesses burgueses. Ao reivindicar

para si a função de “esclarecedor” e “ordenador” da sociedade, tentava tanto anular o espírito combativo e revolucionário dos trabalhadores daquela época, disciplinando-os, impondo-lhes *uma ética do trabalho e um modo de vida favorecedor da acumulação*, quanto procurava também ajustar à sociedade os desvalidos, os dementes, os ociosos, isto é, todos os páreas sociais. Enfim, através de uma doutrinação cristã, prometia recuperar esses excluídos, procurando transformá-los *em produtivos trabalhadores e cidadãos exemplares*, atentos à *observância de rígidos padrões morais* e totalmente ajustados à *racionalidade capitalista* proposta por aquela sociedade disciplinar. Portanto, o surgimento do kardecismo se adequava a uma

sociedade industrial que tentava docilizar e adestrar os corpos. O discurso espírita integraria as sutilezas do poder disciplinador, capaz de preferir a vigilância à violência e à arbitrariedade; a eficácia normativa à rigidez draconiana. (...). O Espiritismo articulava-se ao conjunto heterogêneo de ‘discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, morais, filantrópicos.’ Em suma, ‘do dito e do não dito’ que se entrelaçam em uma malha produtora de subjetividades^{cdxlvii}.

Desse modo, respaldados nessa análise, é que pretendemos pensar o surgimento do Espiritismo também como um dispositivo disciplinar das práticas mediúnicas. Isto é, se para Kardec esse era um contexto onde a disciplina imperava como princípio indispensável à ordem social, como então poderia permitir que as práticas das invocações aos mortos – pesquisadas por ele, e transformada numa “doutrina científica” – viesse a ser praticada de maneira “desordeira e frívola”, vindo apenas a representar “divertimento” para as “pessoas ignorantes?”.

Ao buscarmos a resposta para essa questão, percebemos que a formulação da doutrina Kardecista teve como ponto de partida as reuniões festivas que ocorriam nos grandes e requintados salões europeus, freqüentados, geralmente, por membros da sociedade burguesa. Pelo que consta, nestes salões, era comum se assistir ao “movimento aleatório de mesas girantes e falantes”.^{cdxlviii} Para algumas pessoas, esses fenômenos representavam modismo e divertimento, mas, para outras, foram considerados como paranormais, por isso, logo se transformaram em objetos de curiosidade, ou até mesmo de estudo. Esse teria sido o caso do francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, que, por volta de 1850 – em decorrência do seu envolvimento com as pesquisas sobre magnetização^{cdxlix} –, ao visitar alguns desses salões onde ocorria “a suspensão etérea dos corpos graves”,^{cdl} afirmou que desse fato ele foi “pessoalmente (uma) testemunha ocular.”^{cdli} Daí ter surgido seu interesse por esses acontecimentos, motivo pelo qual iniciou seus estudos.

Rivail nasceu em Lyon, em 1804, mas, quando adulto, mudou-se para Paris. Era formado em pedagogia e teve como mestre Jean-Henri Pestalozzi – “educador liberal e protestante inspirado nas doutrinas de Rousseau”.^{cdlii} Era

leitor de Hegel, Darwin, dentre tantos outros pensadores de sua época. Em 1820, “escreve(u) uma série de manuais de instrução acadêmica, trabalha como tradutor e dá alguns cursos particulares, concentrando seus investimentos na área das ciências naturais e exatas”^{cdliii}.

Segundo Emerson Giumbelli, a princípio, devido a sua formação acadêmica, Rivail teria apresentado um certo ceticismo em relação a esses fenômenos, mas,

um grupo de amigos (...) pede (...) que estude o teor de comunicações obtidas em suas sessões, coisa a que ele se entrega durante o ano de 1856 contando com a ajuda de alguns ‘médiuns’ (...). O trabalho que havia se iniciado como um favor (...), converte-se (...) em uma missão e **Rivail transforma-se em Allan Kardec**, pseudônimo que adotaria pelo resto de sua vida^{cdliv}. (Grifos nossos).

Assim, é de posse deste pseudônimo que Rivail escreveu seus livros, os quais tratou de lançar ao público. Pelo que tudo indica, suas publicações viraram *best sellers*.^{cdlv} Quanto ao papel desempenhado em seus livros, Stoll nos chama a atenção assinalando que, embora Kardec afirmasse que sua função tenha consistido apenas na compilação das “mensagens dos espíritos”, na verdade, não era isso o que parecia ter acontecido, pois pelo que se pode observar, seu papel não se restringiu a selecionar, compilar as informações fornecidas pelos “espíritos”, adequando-as às descobertas científicas. Fazendo uma leitura analítica e contextualizada dessas obras, Stoll nos demonstra que Kardec, em seu trabalho, no desenrolar de cada livro, posicionou-se de acordo com sua própria postura intelectual, acompanhando, comentando, consentindo ou discordando do pensamento científico que estava em evidência no momento, chegando, às vezes, a contrariar teorias defendidas anteriormente.^{cdlvi} Portanto, em sua análise, Stoll não apenas questiona a pretensa imparcialidade e neutralidade apregoada na composição metodológica das obras Kardequianas, como também sugere que, essas obras sejam compreendidas como frutos de sua época, isto é, como produtos de um homem em seu tempo^{cdlvii}.

Desta maneira, podemos inferir que, apesar de afirmar que foram “os espíritos” que ditaram suas obras, foi Kardec o indivíduo que controlou, comentou e que rarefez os discursos, que escreveu. Foi ele quem desempenhou a função de autor de sua doutrina. Como nos alerta Foucault, o autor entendido aqui não somente “como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento (de rarefação), como unidade e origem de significações, como foco de sua coerência”^{cdlviii}.

Em sua primeira obra,^{cdlix} *O Livro dos Espíritos*, Kardec afirmou que nele expôs a parte filosófica de sua doutrina, seus “princípios fundamentais”. Entretanto, foi no segundo, n’*O Livro dos Médiuns*, onde de fato ele se preocupou com “a parte prática para uso daqueles que querem se ocupar das manifestações, seja para si mesmos, seja para se inteirarem dos fenômenos que podem ser chamados a ver.”^{cdlx} Sua preocupação com tal prática se justificava,

pois ela estava “*cercada de muitas dificuldades, e não está(va) sempre isenta de inconvenientes que só um estudo sério e completo pode(ria) prevenir.*” Também é nesse livro que Kardec procurou dar a esses fenômenos explicações plausíveis, fundamentadas num “raciocínio lógico”, adotando procedimentos, como alegava, que se baseavam na “observação e experimentação”:

O efeito mais simples, e um dos primeiros que foram observados, consiste no movimento circular dado a uma mesa. Este efeito se produz igualmente sobre todos os outros objetos; mas a mesa, sendo sobre a qual mais se exercitou, porque era a mais cômoda, o nome de mesas girantes prevaleceu para a designação desse tipo de fenômeno.

Quando dizemos que esse efeito foi um dos primeiros a serem observados, queremos nos referir a estes últimos tempos, porque é bem certo que todos os gêneros de manifestações (de comunicação com os mortos) foram conhecidas desde os tempos mais recuados e não pode ser de outra maneira; uma vez que são efeitos naturais, devem ter se produzido em todas as épocas. (...).

Esse fenômeno, durante algum tempo, alimentou a curiosidade dos salões depois foi abandonado para passar a outras distrações, porque não era senão um objeto de distração. Duas causas contribuíram para o abandono das mesas girantes a moda para pessoas frívolas que raramente consagram dois invernos ao mesmo passatempo, e que coisa prodigiosa para elas! dispensaram três ou quatro a este. Para as pessoas graves e observadoras, daí saiu alguma coisa de sério que prevaleceu; se negligenciaram as mesas girantes, foi para ocuparem-se das conseqüências muito mais importantes em seus resultados: trocaram o alfabeto pela ciência, eis todo o segredo deste aparente abandono do qual tanto ruído fizeram os ridicularizadores^{cdlxi}

Nesta citação, é importante nos atermos a várias questões. Primeiramente, podemos ressaltar o próprio reconhecimento de Kardec de não perceber nada de novo nessa maneira de “invocar os espíritos”, uma vez que o “movimento circular das mesas” tratava-se de apenas mais um modo de “comunicação com os mortos”: um costume cultural que, por vezes revestido de outras formas, foi “produzido em todas as épocas”, visto que se tratava de um “efeito natural”, explicado pela lei da natureza.

Stoll, ao abordar essa discussão, salienta que, embora Kardec tenha registrado esse reconhecimento, o que diferia então a explicação dada em sua doutrina quanto a essas “comunicações”, em relação às outras formas de invocação, é que o Espiritismo retomava o tema, “porém, de uma nova perspectiva: ao passo que (por exemplo) a magia européia tematiza a possibilidade da ‘viagem ao mundo dos mortos’, o Espiritismo pretende comprovar a presença destes no mundo dos vivos.”^{cdlxii}

Respalhando-nos nessa análise, acreditamos não ser precipitado deduzir que, mais do que a fascinação por esse fenômeno, foi a sua pretensão em comprovar a existência e a presença dos “espíritos” no mundo visível, o que mais o motivou a desenvolver suas pesquisas. Aliás, Kardec não poupou esforços para enfatizar o caráter científico de seus estudos. Isso porque, certamente, de acordo com sua concepção, reafirmar tal cientificidade, era o que

Ihe dava autoridade para falar deste pretendo saber com conhecimento de causa. Assim, não foram poucas as vezes que ele apregoou que sobre esse assunto ele era um bom entendedor. Sua sede, sua vontade de deter a verdade e de ter o controle sobre aqueles fatos estavam em jogo. Estes não podiam ser concedidos ou compartilhados com qualquer um. Tanto é que as “pessoas frívolas” – que apenas apreciavam as “mesas girantes” como espetáculo – eram severamente censuradas, pois fazendo dessa prática um divertimento, abriam flancos para os incrédulos zombarem do Espiritismo, tirando deste a possível credibilidade e seriedade de que a idéia da “pesquisa” o revestia. Portanto, cabia a todos que pretendessem enveredar pelo caminho das práticas espíritas, sujeitarem-se a uma disciplina, para que assim, não utilizassem dessa prática de forma imprópria, inadequada. Desta maneira, o Espiritismo, apresentando-se como o mais novo “saber” – porém, compreendido aqui como um dispositivo de poder –, coibia esse “divertimento”, e, no lugar deste, propunha a “instrução” e a normatização da prática mediúnica.

Para Foucault,

um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico (...); um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso (...); um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam; finalmente, um saber se define por possibilidade de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (...). Há saberes que são independentes das ciências (...); mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que forma^{cdlxiii}

Enfim, embasados nessa análise, inferimos que Allan Kardec, ao criar o Kardecismo, isto é, ao tornar-se um *fundador de discursividade*^{cdlxiv}, tão aos moldes de seu tempo, estava, na verdade, criando uma *prática discursiva* fundamentada num *saber* que tinha a pretensão de ser uma ciência.

Ao tomar para si a responsabilidade de desenvolver este estudo, Kardec também pretendeu distinguir o Espiritismo daquilo que para ele era “superstição”, algo que fazia parte do rol das “crenças místicas e mágicas” e que, portanto, necessitava ser superado:

Aos olhos daqueles que olham a matéria como uma única força da natureza, tudo o que não pode ser explicado pelas leis da matéria é maravilhoso ou sobrenatural; e, para ele, maravilhoso é sinônimo de superstição. A esse título a religião, fundada na existência de um princípio imaterial, seria um enredo de superstições; (...); ora, de duas coisas uma: ou o princípio religioso é verdadeiro ou é falso, se é verdadeiro, ele o é para todo o mundo; se é falso, não é melhor para os ignorantes do que para as pessoas esclarecidas^{cdlxv}. Conhecida a lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os espíritas não fazem mais milagre fazendo girar uma mesa (...). Aquele que pretendesse, com a ajuda desta ciência, fazer milagres, seria ou um ignorante do assunto ou um farsante^{cdlxvi}

O Espiritismo não aceita, pois, todos os fatos reputados maravilhosos ou sobrenaturais; longe disso, demonstra a impossibilidade de um grande número deles e o ridículo de certas crenças que constituem, propriamente falando, a superstição. (...). Mas onde se detém a crença do Espiritismo, dir-se-á? Lede, observai, e o sabereis. Toda ciência não se adquire senão com tempo e estudo; ora, o Espiritismo, que toca nas mais graves questões da filosofia, a todas as ramificações da ordem social, que abarca, ao mesmo tempo, o homem físico e o homem moral, é, ele próprio, toda uma ciência, toda uma filosofia que não pode ser apreendida em algumas horas, como todas as outras ciências; haveria tanta puerilidade em ver todo o Espiritismo em uma mesa girante, como em ver toda a física em certos jogos infantis. Para todo aquele que não quer se deter na superfície, não são preciso horas, mas meses e anos para sondar-lhe todos os arcanos^{cdlxvii}.

Kardec deixava claro o papel que atribuía a sua doutrina: somente por meio dela é que se podia ter conhecimento do que era ou não um “fenômeno espiritual”. Sendo este explicado por leis naturais, caía por terra seu caráter “sobrenatural”. No entanto, aquele que não recebesse tal explicação, de fato, não era um fenômeno: tratava-se ou de uma “crença ridícula”, praticada por pessoas que ignoravam a “verdade”, ou, por que realmente agiam imbuídos de “má-fé”. Acreditando ter autoridade para julgar o que era falso, ou verdadeiro, Kardec demonstrava, mais uma vez, ser detentor de uma visão que depreciava a brincadeira das “mesas girantes” como divertimento, isto é, como uma prática cultural, concebendo-as como se fosse uma “prática inferior”, que denotavam comportamento de pessoas “frívolas”, que não tinham atingido um grau de “evolução” e de “saber” que somente as “pessoas esclarecidas” eram portadoras.

Visto que Kardec, ancorado nos discursos do ideário burguês de seu tempo, apregoava que a humanidade marchava rumo ao “progresso”, à “evolução material e moral”, não era de se admirar que, aos seus olhos, o Espiritismo também caminhasse nesse sentido. Isso, graças ao fundamental trabalho dos “homens esclarecidos” que, a exemplo dele, dedicavam-se ao estudo dos “fenômenos espíritos”. Mas, um estudo que, como sempre enfocava, se embasava num saber também filosófico e religioso; que propunha provar a veracidade desta doutrina; desmistificar o seu aspecto sobrenatural; combater os charlatões e os frívolos; torná-la merecedora de credibilidade e, conseqüentemente, ampliando seu número de adeptos. Assim, Kardec afirmava que

o Espiritismo fez grandes progressos desde alguns anos, mas fez imensos depois que entrou na senda filosófica, porque foi apreciado por pessoas esclarecidas. Hoje não é mais um espetáculo: é uma doutrina da qual não se riem mais os que zombavam das mesas girantes. Em fazendo nossos esforços para conduzi-los e mantê-los nesse terreno, temos a convicção de conquistar-lhe mais partidários úteis do que em provocando, a torto e a direito, manifestações das quais se poderia abusar. Disso temos todos os dias a prova pelo número de adeptos que faz parte tão-somente a leitura de O Livro dos Espíritos.^{cdlxviii}

“O Espiritismo é uma ciência que não se pode aprender brincando.(...).Toda pessoa que procura persuadir uma a outra, seja através de explicações, seja pelo caminho das experiências, ensina. O que desejamos, é que seu trabalho frutifique^{cdlxix} .

Neste discurso, percebemos que o “ensinar” era algo fundamental, pois esse seria o meio que garantiria a frutificação da sua doutrina. Mas, a preocupação com o “como ensinar” também se fazia presente. Tanto é que, n’*O Livro dos Médiuns*, Kardec dedicou um capítulo exclusivo para essa temática. Neste, intitulado *Método*, ele procurou esclarecer que:

o melhor método de ensino espírita é o de se dirigir à razão antes de se dirigir aos olhos^{cdlxx} .

Para se proceder, no ensino do Espiritismo, como se o faria nas ciências ordinárias, seria preciso passar em revista toda a serie de fenômenos que podem se produzir, começando pelo mais simples e alcançando sucessivamente os mais complicados^{cdlxxi} .

Todo ensinamento metódico deve partir do conhecido para o desconhecido; para o materialista o conhecido é a matéria; parti, pois, da matéria, e esforçai-vos antes de tudo, fazendo-o observá-la, de o convencer de que, nela, há alguma coisa que escapa às leis da matéria; em uma palavra, antes de torná-lo espírita, esforçai-vos em torná-lo Espiritualista^{cdlxxii} .

Com veemência, orientava para a utilização de um procedimento que valorizasse o uso da razão, partindo daquilo que poderia ser conhecido em direção ao desconhecido. Orientava para a utilização de um método que partisse de algo que, acima de tudo, convencesse os materialistas – mesmo que, a princípio, fosse para torná-los apenas *Espiritualistas*.^{cdlxxiii} Aliás, em se tratando dos inimigos dos espíritas, os materialistas eram o que mais representavam perigo, isto porque:

Os que atacam o Espiritismo em nome do maravilhoso se apóiam, pois, geralmente, no princípio materialista, uma vez que denegando todo efeito extramaterial, denegam, por isso mesmo, a existência da alma^{cdlxxiv} .

Como já salientamos, Kardec dizia adotar um método de pesquisa baseado, sobretudo, na observação, na ciência. Esse discurso, auto-afirmando o aspecto científico de sua doutrina sugere que havia muitas críticas questionando esta cientificidade. Certamente, Kardec não tinha um reconhecimento significativo do meio intelectual do qual fazia parte. Diante das possíveis críticas, Kardec parecia demonstrar impaciência, parecia não suportá-las, chegando até mesmo a ressaltar que o homem capaz de fundamentar e realizar uma refutação ao Espiritismo ainda estava para ser encontrado.

Entretanto, algo muito interessante redimensionava este conflito: ao mesmo tempo em que Kardec alegava utilizar um método racional, por outro lado, também criticava aqueles que, por excesso de razão, desacreditavam da

existência dos “espíritos”, ou que aproveitavam da existência das divergências de interpretação dentro da própria doutrina para questionar sua credibilidade:

Quando os estranhos fenômenos do Espiritismo começaram a se produzir, ou por melhor dizer, se renovaram nestes últimos tempos, o primeiro sentimento que despertaram foi o da dúvida sobre a própria realidade, e ainda mais sobre a sua causa. Logo que foram averiguados por testemunhos irrecusáveis e pelas experiências que cada um pôde fazer, sucedeu que cada um os interpretou à sua maneira, segundo suas idéias pessoais, suas crenças ou suas prevenções, daí, vários sistemas que uma observação mais atenta viria reduzir ao seu justo valor. Os adversários do Espiritismo acreditaram encontrar um argumento nessa divergência de opiniões, dizendo que os próprios espíritas não estavam de acordo entre si. Era uma razão bem pobre, se se reflete que os passos de toda ciência nascente são necessariamente incertos, até que o tempo haja permitido colecionar e coordenar os fatos que podem fundamentar a opinião; à medida que os fatos se completam e são melhor observados, as idéias prematuras se apagam e a unidade se estabelece, pelo menos sobre os pontos fundamentais, senão em todos os detalhes^{cdlxxv}.

Assim, tornava-se necessário refutar os “incrédulos materialistas”, que procuravam tripudiar e tirar a paz dos que professavam o Espiritismo. Além desses, Kardec também conflitava com os *Espiritualistas*, pois, para ele, estes apenas tinham uma vaga noção sobre o mundo espiritual. Portanto, faltavam-lhes mais informações, como também, lhes faltavam coordenar e a reformular seus pensamentos. Para estes, Kardec afirmava que o Espiritismo refletia “como um raio de luz: a claridade que dissipa o nevoeiro”. Assim, os Espiritualistas estavam mais aptos a acolher o Espiritismo “com ardor porque os livra(va) da angústia da incerteza^{cdlxxvi}”.

Como era de se esperar, se houve resistência entre os considerados “materialistas”, no meio religioso, não foi muito diferente: tanto o Catolicismo, como o Protestantismo, afirmavam, em suas práticas discursivas, que a doutrina espírita tratava-se de mais uma, entre as outras tantas seitas que tinham como preocupação questões consideradas mágicas e ocultas. Por isso, indispuseram-se com os adeptos Kardecistas quando esses reivindicaram para si a condição de cristãos^{cdlxxvii}.

A despeito de todas essas resistências, Kardec elaborou uma doutrina, considerada por ele mesmo como religiosa, filosófica e, principalmente, científica. Assim, podemos observar que quando os termos “ciência” e “religião” eram utilizados em seus discursos, sem dúvida, esses eram concebidos como âncora de sua doutrina. Porém, ao serem pronunciados foram revestidos com outras conotações, procurando superar os valores e concepções comuns àquela época. Neste sentido, Kardec afirmou conceber o Espiritismo como sendo uma “religião”, mas que rompia com os rituais e com os dogmas do Catolicismo, apropriando-se apenas da sua moral evangélica cristã. Quanto ao conceito de “ciência”, propôs, por um lado, a superação das “limitações” do materialismo, por outro, pretendeu fazer “revelações” que as outras ciências não tinham feito, trazendo à tona explicações de fenômenos até então pouco, ou quase nada

explorados pelos cientistas, tais como “espírito”, “reencarnação”, “mediunidade”, etc.

Enfim, podemos constatar que essa doutrina nascia como uma prática discursiva, em meio a uma sociedade onde múltiplas reflexões efervesciam, num contexto passível de conflitos, de discórdia, visto que, enquanto “saber”, tinha a pretensão de conciliar e difundir teorias tão complexas e abrangentes. Assim surgia e se expandia a doutrina kardecista. Para além da França, ela floresceu na Inglaterra, Bélgica, Argentina, Brasil, entre outros países. Devido a sua expansão, surgiram em torno dela, novas lideranças, vários grupos dissidentes e diversos órgãos de imprensa propagandista.^{cdlxxviii} Em 1889, a cidade de Paris tinha conseguido reunir mais de 500 delegados vindos de várias partes do mundo para participar do *I Congresso Internacional Espírita e Espiritualista*, que reuniu não “apenas ‘espíritas’ e ‘espiritualistas’”, mas também ‘teósofos’, ‘ocultistas’, ‘cabalistas’ e ‘maçons’, ou seja, representantes de formulações doutrinárias que discordavam, muitas vezes seriamente de postulados espíritas em geral^{cdlxxix}.

Em se tratando da cidade de Paris, anos antes de ocorrer esse *Congresso*, essa cidade também viu nascer a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, que foi fundada em 1858, pelo grupo de Kardec. Os termos do Regulamento dessa Sociedade foram incorporados, como capítulo, n’*O Livro dos Médiuns*. Neste livro, também foi inserido um outro capítulo, intitulado *Reuniões e Sociedades Espíritas*, onde Kardec demonstrou a dimensão de sua preocupação com o surgimento de novas sociedades. Provavelmente, com receio de que os dirigentes desses grupos não procedessem de forma “séria” e comprometida com os “elevados valores” do Espiritismo, Kardec, na ânsia de “ensinar”, cobrava, dos dirigentes, a observância da ordem e da disciplina de seus grupos, fossem eles grandes ou pequenos.

Ao apresentar o regulamento da *Sociedade Parisiense*, Kardec, numa nota de esclarecimento, afirmou que este não devia ser concebido como uma lei imposta às outras sociedades, mas que todas elas deviam ter um regulamento ou, pelo menos um regimento interno, os quais podiam “haurir” do regimento da *Sociedade Parisiense* “as disposições que creiam úteis e aplicáveis às circunstâncias que lhes são próprias”^{cdlxxx}. Entretanto, ao analisarmos suas orientações, percebemos que sua preocupação ia além de uma simples recomendação, pois procurou “alertar” para os “inúmeros perigos” que uma sociedade podia incorrer se não se atentasse para as normas apontadas por ele. Assim, listou uma série de cuidados que essas deveriam ter na realização de suas reuniões, tais como: que estas fossem realizadas por um menor número de pessoas; que essas pessoas, sobretudo as que exerciam a mediunidade, fossem sérias, caridosas, atentassem para com a regularidade e a pontualidade das reuniões, para o recolhimento do pensamento; se comprometessem tanto com o ensinamento moral repassado pelos “espíritos”, quanto com o estudo dos fatos e dos fenômenos; entre outras. Em paralelo a essas recomendações, Kardec foi

apontando também as conseqüências que uma reunião mal-sucedida podia provocar:

Toda reunião espírita deve, pois, tender à maior homogeneidade possível; fique bem entendido que falamos daquelas que querem alcançar resultados sérios e verdadeiramente úteis; se se quer simplesmente obter comunicações mesmo assim, sem se inquietar com a qualidade daqueles que as dão, é evidente que todas essas preocupações não são necessárias, mas então não se pode queixar da qualidade do produto^{cdlxxxii}.

As grandes assembléias excluem a intimidade pela variedade dos elementos dos quais se compõe; (...). Quanto mais a reunião é numerosa, tanto mais é difícil contentar todo mundo; (...); daí as divergências, uma causa de mal-estar que traz, cedo ou tarde, a dissolução, depois, a dissolução, sorte de todas as sociedades da qual sejam o objeto. As pequenas sessões não estão sujeitas às mesmas flutuações; **a queda de uma grande sociedade seria um revés aparente para a causa do Espiritismo, e seus inimigos não deixariam de se prevalecer disso**; a dissolução de um pequeno grupo passa despercebida e, aliás, se um dispersa, vinte outros se formam ao lado; ora vinte grupos de quinze a vinte pessoas, obterão mais e farão mais pela propagação, do que uma assembléia de trezentas a quatrocentas pessoas^{cdlxxxiii}. (Grifos nossos).

Esses dois trechos são importantes para exemplificar as principais “conseqüências” anunciadas por Kardec. Como podemos perceber, no primeiro trecho, ele apontou para aquelas que podiam surgir caso os dirigentes dos grupos não atentassem para a qualidade das reuniões, isto é, não se preocupassem com os “verdadeiros propósitos” das pessoas que as freqüentavam, pois, muitos freqüentadores, associados ou não aos grupos espíritas, ao “perturbarem” a ordem das reuniões, poderiam provocar a manifestação dos “espíritos inferiores, malfazejos”. Estes “espíritos”, ao tentarem assessorar essas reuniões, atrapalhariam o andamento da mesma. Para este caso, Kardec orientava, a partir do regulamento da *Sociedade Parisiense*, a expulsão dos membros perturbadores, para que as reuniões voltassem a ter paz e “homogeneidade de pensamentos”.^{cdlxxxiii}

Para Kardec, de uma certa forma, desta situação desencadeava-se uma outra: se uma reunião que antes era séria se transformasse em “frívola”, era o nome da doutrina que podia ser prejudicado, visto que essas reuniões apenas contribuiriam para denegrir a imagem do Espiritismo. O segundo trecho exposto acima, deixa claro esse posicionamento, na medida em que – a observância com o direcionamento das reuniões, a preferência por aquelas formadas por um pequeno grupo – muito mais do que receio, do que preocupação com as conseqüências provocadas pela presença de “espíritos inferiores”, o que de fato estava em jogo era a possibilidade de desintegração dessas sociedades. Estas, ao serem formadas por um número significativo de pessoas, poderiam apresentar uma maior dificuldade para se manterem coesas, terem unidade de pensamentos. Portanto, podendo vir a se desmantelar, fechar suas portas com mais facilidade. Isso provocaria um revés à causa espírita, podendo contribuir para a sua

difamação, para a propaganda negativa da mesma. Com isso, o Espiritismo poderia sofrer um desgaste, podendo colocar em xeque sua aceitação e credibilidade perante, sobretudo, a sociedade civil. De fato, essa parecia ser a maior preocupação de Kardec. Considerando que o Espiritismo tinha sido fundado por ele, nada mais coerente do que querer ver esse saber sendo reconhecido, aceito e propalado dentro da sua sociedade:

esperamos que as reuniões verdadeiramente sérias, como já existem em diversas localidades, se multiplicarão, e não hesitamos em dizer que será a elas que o Espiritismo deverá sua mais poderosa propagação; congregando os homens honestos e conscienciosos, imporão silêncio à crítica, e quanto mais suas intenções sejam puras, mais serão respeitadas, mesmo por seus adversários; quando a zombaria ataca o bem, cessa de fazer rir: torna-se desprezível. Será entre as reuniões desse gênero que um verdadeiro laço de simpatia, uma solidariedade mútua se estabelecerão pela força das coisas e contribuirão para o progresso geral^{cdlxxxiv} (Grifos nossos).

Divulgar e promover a aceitação do Espiritismo parecia ser a meta de Kardec. Ele realmente demonstrava acreditar que aqueles que aceitavam o saber contido em sua doutrina, conseqüentemente, já estavam contribuindo para a “evolução” e para o “progresso” da humanidade. Para tanto, procurava propagar a idéia de que ter tal saber transformava as pessoas também em detentoras de um certo poder, na medida em que estas se tornavam esclarecidas, superiores àquelas que, devido a sua ignorância, ainda se encontravam num “estágio espiritual inferior”. Desde modo, obviamente, ele parecia conceber como problema a descrença daqueles que não aceitavam a doutrina, que a refutavam.

Entretanto, não parecia ser menor um outro problema que ele também tinha que enfrentar: este se configurava na indisciplina dos que praticavam a “mediunidade” a seu bel-prazer. Na verdade, parecia ser, sobretudo, para esses que Kardec escreveu *O Livro dos Médiuns*. Enfim, parecia ser com o intuito de controlar o saber e o poder sobre uma determinada prática cultural, considerada por ele como uma “comunicação espiritual”, que precisava ser disciplinada, que Kardec se empenhou ao longo desse livro.

A partir da análise d’*O Livro dos Médiuns* não podemos ao certo fazer afirmações contundentes sobre o êxito de Kardec quanto ao seu empenho em controlar as “comunicações espirituais” – costume, como ressaltamos, bastante praticado naquele contexto. Porém, a título de suposição, arriscamos em dizer que, possivelmente, Kardec deve ter conseguido manter um certo controle sobre algumas sociedades espíritas, que, aos moldes da *Sociedade Parisiense*, queriam se fazer reconhecidas. Mas, considerando que esse costume de invocar os mortos se tratava de uma antiga prática pertencente ao saber popular, acreditamos não ser pertinente supor que Kardec tenha conseguido controlá-la com tanta eficácia em boa parte dos grupos espíritas que se formaram naquela época. Na verdade, não temos a pretensão de nos determos nessa questão, mas somente levantá-la,

ou, quem sabe, propô-la para uma outra ocasião, visto que tal discussão necessitaria da realização de um outro estudo.

Notas

^{cdxxxix} FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

^{cdxli} STOLL, S. J. *Entre dois mundos: o Espiritismo na França e no Brasil*. São Paulo: USP, 1999, p. 16. (Tese de Doutorado em Antropologia).

^{cdxlii} A respeito da discussão sobre a circulação dessas obras ver: STOLL, S. J. Op. cit., p. 13-21.

^{cdxliii} ISAIA, A. C. Espiritismo, utopia e conciliação social. *Cadernos do CEOM - Ano 14 – nº 13 – Unoesc-Chaçapécó – Junho/2001*, p. 181 – 214. Idem, p. 184-185. Neste texto, Isaia também chama a atenção para o fato de que não pretende, com essa análise, reduzir “o Espiritismo a epifenômeno da sociedade urbana e industrial”. p. 210.

^{cdxliv} Em seu *O Livro dos Médiuns*, publicado em 1861, Allan Kardec declarava que seu intuito com esse livro era o de “instruir” e “ajudar” os “médiuns” a realizarem uma perfeita “comunicação espiritual”, isto é, para que quando ela viesse a ocorrer se desse somente dentro dos moldes de sua doutrina.

^{cdxlv} ISAIA, A. C. Espiritismo, utopia e conciliação social. Op. cit., p. 210.

^{cdxlvi} *Ibidem*, p. 185-186.

^{cdxlvii} *Ibidem*, p. 209.

^{cdxlviii} *Ibidem*, p.195.

^{cdxlix} KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Araras: IDE, 1991, p 27.

^{cdli} A teoria desenvolvida por Franz Anton Mesmer, formado em medicina pela faculdade de Viena, preconizava a existência de uma energia invisível e universal, o fluido, o qual seria inerente ao Cosmo e a todo ser. Esse “fluido”, quando externado de um organismo, poderia ser “magnetizado”, isto é, manipulado a fim de influenciar na energia vital de outro órgão, proporcionando a cura e o equilíbrio a um organismo doente. Cf. DAMAZIO, S. *Da elite ao povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro*. Bertrand, 1994.

^{cdlii} KARDEC, A. Op. cit., p. 27.

^{cdliii} *Idem*.

^{cdliiii} GIUMBELLI, E. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p.57.

^{cdliiiii} *Idem*.

^{cdliv} *Ibidem*.

^{cdlv} Para Stoll, o êxito desses livros e, por consequência, o surgimento do kardecismo, justificou-se, sobretudo pelo fato de, como já ressaltamos, naquele momento, circularem pela Europa várias publicações sobre assuntos diversos, principalmente os “esotéricos”. Stoll, S. Op. cit., p. 15. São eles: *O Livro dos Espíritos*, 1857; *O Livro dos Médiuns*, 1861; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 1864; *O Céu e o Inferno*, 1865; e a *Gênese*, 1868. Cf. STOLL, S. Op. cit., p. 13-24.

^{cdlvi} Segundo Stoll, “as estratégias adotadas por Allan Kardec, seja na compilação dos dados, seja na apresentação textual destes, têm basicamente o intuito de dar-lhes unidade(..). N’O Livro dos Espíritos,(...) Constituindo quase um texto à parte, Allan Kardec retoma os temas propostos, discutindo-os a partir daqueles que eram os referenciais do debate da época: a tradição bíblica, de um lado; as descobertas científicas da época, de outro. (...). A publicação do livro de Darwin, *A Origem das Espécies*, veio consolidar a tese (...) da monogenia, concepção que postula não apenas a unidade da espécie, mas também, a origem comum de todas as raças humanas. (...). Em *A Gênese* (1868), volume publicado seis anos depois do lançamento de *A Origem das Espécies*, Kardec retoma a discussão sobre o tema, (...), contudo, dedica maior espaço à apresentação das recentes informações científicas relativas às origens do universo e da humanidade. Diante

dessas, modifica-se a sua posição pessoal com relação à certas idéias sustentadas no primeiro livro. Ocorre, portanto, uma atualização de certos pressupostos da doutrina espírita em razão da incorporação de idéias que traduzem o pensamento das novas correntes que vinham conquistando hegemonia no campo científico. Esse trabalho de revisão da doutrina é de Allan Kardec: é ele quem acompanha de perto o debate em torno das descobertas científicas da época, no intuito de promover a atualização da ‘doutrina dos espíritos’”. Stoll, S. Op. cit., p. 27-32.

cdlvii Idem.

cdlviii FOUCAULT, M. Op. cit., p. 26.

cdlix Quanto as obras e ano de publicação ver nota 17.

cdlx KARDEC, A. Op. cit., p. 10.

cdlxi Idem, p. 68-69.

cdlxii STOLL, S. Op. cit., p. 13.

cdlxiii FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, p. 206-207.

cdlxiv Segundo Foucault, na Europa durante o século XIX, era muito comum o aparecimento de “autores bastantes singulares e que não poderiam ser confundidos com os ‘grandes’ autores literários, nem com os autores de textos religiosos canônicos, nem com os fundadores das ciências. Vamos chamá-los, de uma maneira um pouco arbitrária, de ‘fundadores de discursividade’. Esses autores têm de particular o fato de que eles não são somente autores de suas obras, de seus livros. Eles produziram alguma coisa mais: a possibilidade e a regra de formação de outros textos.” FOUCAULT, M. O que é o autor. In. *Estética: literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p.280.

cdlxv KARDEC, A. Op. cit., p. 21-22.

cdlxvi Idem, p. 27.

cdlxvii Ibidem, p. 23-24.

cdlxviii Ibidem, p.9.

cdlxix Ibidem, p. 29.

cdlxx Ibidem, p.38.

cdlxxi Ibidem, p.36.

cdlxxii Ibidem, p.30.

cdlxxiii Como salientou Stoll, esse conjunto de filosofias e doutrinas tidas como “esotéricas”, tão em moda naquele momento, como a Teosofia, o Mesmerismo, o Cabalismo, entre outras, fizeram parte de um rol de religiões consideradas *Espiritualistas*. Para se diferenciar desse movimento *Espiritualista* Kardec criou o termo *Espírita*. Seu objetivo era distinguir os adeptos de sua doutrina daqueles que professavam o *Espiritualismo*, isto é, os que possuíam crenças no mundo invisível, mas porém, que acreditavam que esse “mundo” fosse algo “sobrenatural”, e não um fenômeno natural, explicado através das leis naturais.

cdlxxiv Ibidem, p.22.

cdlxxv Ibidem, p. 42.

cdlxxvi KARDEC, A. Op. cit., p. 33.

cdlxxvii “Em 1861, um livreiro de Barcelona encomendou a Kardec alguns volumes d’O Livro dos Espíritos e d’O Livro dos Médiuns, entre outros exemplares espíritas. A Igreja Católica, ao ficar sabendo dessa encomenda, em sinal de protesto à pretensão cristã dessa doutrina, exigiu que esses fossem embargados pela alfândega, confiscados e queimados em praça pública. Esse acontecimento ficou conhecido como o ‘auto-de-fé’ de Barcelona.” STOLL, S. Op. cit. p. 13.

cdlxxviii De acordo com Giumbelli, “em 1887, só na França, existiam 13 periódicos em circulação; na Espanha, o número atingia a 36. Em 1890, são registrados 88 periódicos circulando por toda a Europa.” GIUMBELLI, E. Op. cit. p. 59.

cdlxxix Idem, p. 59-60.

cdlxxx KARDEC, A. Op. cit., p. 408.

cdlxxxi Idem, p. 393.

^{cdlxxxii} Ibidem, p.396.

^{cdlxxxiii} Ver artigo 27 do Regulamento da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos*. Ibidem, p.416.

^{cdlxxxiv} Ibidem, p 401.